

# AS RELAÇÕES DE INTIMIDADE ENTRE CASAIS HETEROSSEXUAIS: DO DESEJAR AO CONSENTIR

 *Iolanda Fontainhas\**

 *Ana Maria Brandão\*\**

## Resumo

Neste artigo, refletimos sobre as dinâmicas *genderizadas* de poder na interação sexual de casais heterossexuais em situação de conjugalidade estável. A partir de vinte e oito entrevistas semidiretivas realizadas a membros de catorze casais, discutimos o modo como expectativas, normas e papéis de género condicionam as suas práticas e desejos sexuais. Evidenciando um contínuo entre coerção e consentimento sexual, os resultados sugerem experiências diferentes, com um maior silenciamento dos desejos e a adoção de papéis sexuais mais complacentes e submissos por parte das mulheres e a pressão para a demonstração de permanente apetite e disponibilidade sexuais no caso dos homens.

**Palavras-chave:** Género, consentimento sexual, heterossexualidade, intimidade conjugal.

## Abstract

### **Intimate Relationships in Heterosexual Couples: From Desire to Consent**

In this article, we reflect on the gendered dynamics of power in the sexual interaction of heterosexual couples in a stable conjugal situation. Based on twenty-eight semi-directive interviews to members of fourteen couples, we discuss how gender expectations, norms and roles regulate their sexual practices and desires. Highlighting a continuum between sexual coercion and consent, the results suggest different experiences, with a greater silencing of desires and the adoption of more compliant and submissive sexual roles by women and the pressure to show permanent sexual appetite and readiness in the case of men.

**Keywords:** Gender, sexual consent, heterosexuality, conjugal intimacy.

---

\* Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 4710-057 Braga, Portugal.

Endereço postal: Campus de Gualtar, 4710-057 Braga, Portugal.

Correio eletrónico: iolandafontainhas@ics.uminho.pt

\*\* Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 4710-057 Braga, Portugal.

Endereço postal: Campus de Gualtar, 4710-057 Braga, Portugal.

Correio eletrónico: anabrandao@ics.uminho.pt

## Resumen

### Las relaciones íntimas entre parejas heterosexuales: del deseo al consentimiento

En este artículo, reflexionamos sobre las dinámicas de poder relacionadas con el género en la interacción sexual de parejas heterosexuales en situaciones de convivencia estable. A partir de veintiocho entrevistas semiestructuradas realizadas a miembros de catorce parejas, discutimos cómo las expectativas, las normas y los roles de género condicionan sus prácticas y deseos sexuales. Al evidenciar un continuo entre la coacción y el consentimiento sexual, los resultados sugieren experiencias diferentes, con un mayor silenciamiento de los deseos y la adopción de roles sexuales más complacientes y sumisos por parte de las mujeres y la presión para demostrar un apetito y una disponibilidad sexuales permanentes en el caso de los hombres.

**Palabras clave:** Género, consentimiento sexual, heterosexualidad, intimidad conyugal.

## Introdução<sup>1</sup>

*Que estreita faixa nos separa da Mariana, irmãs... pois honra de homem marido se situa ainda em seu pénis e nossa vagina à qual eles têm direito de dono e sobre mulher direitos de morte a fim de vingar macho-enganado por adultério que, se possível, se lapida, se assassina, se elimina em plena justiça, com a concordância, a aprovação de toda uma sociedade conivente.* (Barreno, Horta, e Costa 1972, 320)

Este excerto das *Novas Cartas Portuguesas* (1972) é ilustrativo da relação entre amor, poder e violência; da desigualdade histórica e estrutural entre mulheres e homens; e da subordinação dos direitos sexuais das mulheres aos dos homens. Houve uma época, em Portugal, em que os maridos tinham direito de propriedade sobre os corpos das mulheres. Durante anos, se descobrissem o adultério da mulher, poderiam matá-la para “limpar a sua honra”. A única consequência desse ato: permanecer fora do condado durante seis meses. Ainda hoje, o art.º 1672.º do Código Civil (1978) estabelece a comunhão de leito entre cônjuges como um dos deveres de fidelidade e coabitação.

Poderíamos começar por nos questionar como é que, atualmente, as relações íntimas de casais heterossexuais se constituem como lugar de realização afetivo-sexual e espaço onde relações desiguais de poder são exercidas. Serão os desejos, expectativas e práticas sexuais *genderizados*? Pode a intimidade sexual naturalizar e sustentar relações desiguais de poder? Quais os desafios ao consentimento e à mutualidade da escolha?

A questão do consentimento encontra-se ligada ao crescimento do interesse pelas relações íntimas entre casais. Neste debate, destaca-se a forma como o consentimento tem sido elevado a pedra de toque de um relacionamento saudável

<sup>1</sup> Este artigo baseia-se nos dados empíricos recolhidos pela primeira autora no âmbito da sua dissertação de doutoramento em Sociologia, financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (ref.ª SFRH/BD/138347/2018), orientada pela segunda autora.

e positivo (Muehlenhard et al. 2016; Beres 2018; Fischel 2019). A este cenário não será alheia a centralidade do consentimento nas políticas e recomendações de organizações supra-estatais, como a Organização das Nações Unidas ou a União Europeia, ou Convenções como a do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência Contra as Mulheres e a Violência Doméstica (Sottomayor 2015). De acordo com esta (Conselho da Europa 2011, 13), “o consentimento deve ser dado voluntariamente, por vontade livre da pessoa, avaliado no contexto das circunstâncias envolventes”.

O foco das políticas e recomendações ocidentais de justiça e educação sexual no consentimento sexual são uma conquista. Mais questionável será a ideia de que resolve as dinâmicas coercivas nas interações sexuais e garante que sejam plenamente desejadas (Gavey 2005; Cahill 2014; Beres 2018; Lamb, Gable, & de Ruyter 2021; Jeffrey 2024). Além disso, o ónus do consentimento sustenta suposições errôneas, como a de que sexo consentido é necessariamente desejado, prazeroso e livre de coerção (Beres 2018; Loick 2020; Faustino & Gavey 2024; Jeffrey 2024). Esta suposição deixa antever a complexidade do problema no contexto marital, já que um historial de relações sexuais pode reforçar o pressuposto de consentimento contínuo para todas as atividades sexuais futuras (Shotland & Goodstein 1992).

As primeiras investigações sobre coerção e violência nas relações matrimoniais reportaram elevadas taxas de violação conjugal, evidenciando um *continuum* de coerção, além da violação (Russell 1982; Finkelhor & Yllo 1985; Kelly 1988). As orientações normativas de que as mulheres têm o dever conjugal de garantir o sexo no matrimónio dificultam a recusa sexual (Finkelhor & Yllo 1985). Além disso, os estudos mostram os efeitos das normas socioculturais na adoção de determinadas práticas, nomeadamente, a primazia do direito sexual masculino e um maior silenciamento dos desejos sexuais femininos com a concomitante desconsideração do sexo indesejado pelas mulheres como forma de coerção (Gavey 2005).

Impõe-se, desde logo, uma conclusão: homens e mulheres não ocupam o mesmo lugar no casal. Espera-se deles uma sexualidade viril, materializada num desejo constante por sexo, e delas que sejam sensíveis, cuidadoras, sexualmente passivas (Hollway 1984; Farvid & Braun 2006; Meenagh 2021; Jeffrey 2024). Estas representações endossam uma hierarquia de género ligada a um duplo padrão moral com normas diferenciadas para homens e mulheres (Alferes 1997; Jamieson 1999; Crawford et al. 2010; Bourdieu 2012), que sustenta a dominação masculina e a submissão feminina (Sanchez, Fetterolf, & Rudman 2012). Neste quadro, o consentimento é construído não como expressão mútua de vontades, mas como algo a obter, nomeadamente, das parceiras (Faustino 2024). Cabe, contudo, realçar que o “desvio” face ao que se espera dos homens também os pode oprimir no contexto das relações íntimas (Faustino 2024), já que a noção de “mutualidade” (Lamb, Gable, & de Ruyter 2021) remete não só para a garantia de que ambos os cônjuges consentem, são autónomos e capazes de fazer escolhas, como também apela ao cuidado e à atenção amorosa.

Como noutros países ocidentais, as últimas décadas, em Portugal, têm sido marcadas por transformações no campo sexual e nas relações de género no sentido de uma maior “erotização do casal” (Aboim 2011) e de uma aproximação das trajetórias sexuais de homens e mulheres. Todavia, permanece um duplo padrão sexual segundo o qual as mulheres sexualmente muito experientes e assertivas são olhadas com desconfiança e descrédito, sendo alvo de fortes sanções ao nível da sua reputação, ao passo que o valor dos homens se afere pelo número de “conquistas” sexuais (Vale de Almeida 1995; Pais 1998; Aboim 2011). Aqui resulta outra dualidade: a que ocorre entre mulheres. De um lado, a “casta”, a mulher dessexualizada, “boa para casar”; do outro lado, a “puta”, a “vadia”, “a má para casar”, a “perversa” (Pais 2016). É também neste quadro que podem ser compreendidas as situações de opressão e dominação fundadas no género, de que são exemplo os casos de violência no namoro (Neves & Correia 2024; Cerejo, Jesus, & Tarriño-Concejero 2025) ou da violência doméstica. Em 2024, em Portugal, foram mortas 19 mulheres em contexto de relações de intimidade face a 3 homens (CIG 2025).

O propósito deste artigo é o de refletir sobre as dinâmicas *genderizadas* de poder na interação e na recusa sexuais. A análise incide sobre os modos como práticas e desejos sexuais são condicionados por normas e interditos sociais e morais, refletindo relações de poder desiguais. Os dados apresentados foram recolhidos no âmbito da investigação de doutoramento da primeira autora, assente numa metodologia qualitativa, que teve como objeto empírico casais heterossexuais em situação de conjugalidade estável, isto é, a coabitar há, pelo menos, dois anos. Para o efeito, foram realizadas 28 entrevistas semidiretivas individuais a membros de 14 casais, entre março e dezembro de 2020. Todos/as os/as participantes foram informadas/os dos objetivos do estudo, tendo as entrevistas sido realizadas em locais escolhidos pelos casais, desde que garantissem a sua realização sem interrupções. Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento das/os participantes, tendo tido uma duração média de uma hora.

A recolha empírica cingiu-se ao Norte Litoral e a seleção dos casais privilegiou, num primeiro momento, um procedimento intencional a partir de contactos pessoais da primeira autora, seguida do recurso à “bola de neve”. Houve dificuldade em reunir casais igualmente distribuídos pelos diferentes graus de escolaridade, verificando-se uma concentração nos níveis mais elevados de ensino (Secundário e Superior), bem como em encontrar casais mais velhos e com relações mais duradouras. Apesar da tentativa de diversificar os pontos de início da bola de neve, as características da própria investigadora contribuem para explicar esse enviesamento.

A idade dos/as entrevistados/as variava, à data da entrevista, entre os 27 e os 46 anos nos homens e entre os 29 e os 44 anos nas mulheres. Como é corrente em estudos desta natureza, os nomes dos/as participantes são fictícios de modo a preservar o anonimato das/os participantes. Todas as entrevistas, após transcrição integral, foram sujeitas a uma análise de conteúdo temática, nos termos definidos

por Bardin (1995), tendo sido identificado um total de 12 categorias e 54 subcategorias de análise. Neste artigo, por razões de espaço, apenas são discutidos os resultados relativos à questão do consentimento e da coerção nas relações íntimas. Os resultados mostram a permanência de desigualdades nos relacionamentos, com maiores constrangimentos no caso das mulheres, traduzindo-se na adoção de papéis sexuais mais submissos e complacentes, e, no caso dos homens, impondo-lhes que sejam sexualmente ativos e disponíveis. Considerando as características sociodemográficas do objeto empírico, os resultados devem ser lidos com cautela, pretendendo-se, fundamentalmente, abrir espaço para reflexão e investigação futura.

### **Amor, poder e consentimento nas relações íntimas**

O modo como as relações conjugais e íntimas estão organizadas nas sociedades contemporâneas ocidentais transformou-se. As formas de interagir sexualmente não são as mesmas e a relação entre masculino e feminino também não. Muitos discursos populares aludem a um cenário idílico entre parceiros cuja intimidade é construída sobre os ideais do amor, da igualdade e da reciprocidade, na linha da “relação pura” (Giddens 1992). Todavia, as pesquisas sugerem que as relações íntimas podem também ser terreno fértil para a (re)produção de relações desiguais de poder e práticas de violência (Jamieson 1999; Sanchez, Fetterolf, & Rudman 2012; van Hooff 2015; Klein et al. 2019; Faustino & Gavey 2024; Jeffrey 2024).

Entre os/as entrevistados/as, é evidente a importância da sexualidade e, especificamente, da relação sexual, na constituição e manutenção da relação conjugal. Não questionando a sua presença, naturalizando-a, parece que a relação conjugal não é mais concebível sem atividade sexual entre os/as parceiros/as (Gavey 2005), sendo a inatividade sexual interpretada como indício de uma dificuldade ou problema que pode colocar em risco a estabilidade do casal (Bozon 2004; Jeffrey 2024). Como sublinha António (em coabitação há menos de 9 anos, sem filhos), “uma relação amorosa sem sexo não faz sentido. Se uma pessoa não é feliz na cama, não é feliz de todo”.

Apesar de todos/as os/as entrevistados/as apresentarem uma visão hedonista da sexualidade, que privilegia a reciprocidade, o envolvimento e o prazer mútuos, enquadrada por ideais de género mais igualitários, há fissuras no modo como interagem sexualmente. Uma delas é associada ao pressuposto de que homens e mulheres têm impulsos biologicamente distintos, expresso pela maioria dos/as entrevistados/as, que acaba por influenciar as suas expectativas, desejos e práticas sexuais (Gavey 2005). Ainda nas palavras de António,

Em geral, os homens são mais carniais. Embora não seja regra, mas, em geral, sim. Nem é um estereótipo, é o que é, é a verdade. Eu sempre fui de Letras, mas eu tenho

a certeza [de] que isto foi explicado pela ciência por algum motivo. Testosteronas e afins....

Persiste, portanto, a ideia de que os homens são sexualmente insaciáveis e a sexualidade masculina é um impulso naturalmente incontrolável e inevitável (Hollway 1984; Jeffrey 2024), ao passo que as mulheres são as “guardiãs” sexuais, responsáveis pelo trabalho emocional, por controlar os impulsos sexuais dos homens e por policiar os seus comportamentos de forma a não exigir demasiado deles (Hollway 1984; Jackson & Scott 1997; Impett & Peplau 2006; Aboim 2011; Jeffrey 2024). Estas ideias são acompanhadas pelo mito segundo o qual, no reino animal, o macho tem o papel de perseguir e procriar e a fêmea é recetora (Crawford & Waldby 1994).

Tais representações revelam e sustentam dinâmicas *genderizadas* de poder na interação e, sobretudo, na recusa sexual. Em certos casos, a ideia de uma relação de casal constituída por dois parceiros autónomos e com capacidade total e igual de escolha é desafiada. Além disso, se se parte do princípio de que o sexo e, em específico, o “imperativo do coito”<sup>2</sup>, é parte das relações íntimas heterossexuais “normais” e “saudáveis” (Gavey & McPhillips 1999; Potts 2000; Jeffrey 2024), percebe-se que homens e mulheres em relacionamentos amorosos assumam que exista um “consentimento sexual implícito” nas relações sexuais (Shotland & Goodstein 1992).

Ao descrever as suas experiências, homens e mulheres reconhecem que a disponibilidade sexual é passível de desencontros, evidenciando conformidade ao discurso dominante de validação do impulso sexual masculino (Hollway 1984). O discurso de Joana (em coabitação há menos de 9 anos, sem filhos) é bastante elucidativo disso, reconhecendo claramente que a frequência das relações sexuais,

[p]ara mim, é satisfatória, mas tenho a certeza de que, para o António, é insatisfatória [risos]. Ele diz-me claramente. Sei que, por ele, seria com mais frequência, mas, pronto, isso, acredito que seja a nossa diferença. Não só de pessoa, mas de género também porque os homens têm a tendência de ter sempre uma libido um pouco mais ativa.

O alegadamente maior apetite sexual masculino transparece nas palavras de todos/as entrevistados/as. Não é, por isso, surpreendente que, quando interrogados/as sobre se “alguma vez ficou sem sexo e apetecer-lhe”, eles sejam unânimes a responder afirmativamente. O mesmo não ocorre com as mulheres: cerca de metade relata a ausência de prática sexual quando a desejava e outra metade respondeu negativamente. Segundo Anita (em coabitação há 9 ou mais anos, sem filhos), “em 21 anos, acho que nunca me virei para o meu rapaz e disse: ‘anda pinar-me’ e ele me disse que não!”.

<sup>2</sup> No original, “coital imperative.”

Os resultados evidenciam a permanência de visões normativas da sexualidade que associam masculinidade a maior predisposição e apetite sexuais, ao passo que a feminilidade é construída socialmente em torno do sensível, do emocional e do afetivo (Pais 1998; Olmo 2018; Siegel & Meunier 2019). Tal desencontro acaba por posicionar os homens e as mulheres em lugares distintos no seio da relação e os seus efeitos parecem operar em detrimento delas, traduzindo-se num maior silenciamento dos seus desejos e em papéis sexuais mais submissos e complacentes.

### **“Dentro das quatro paredes, é possível tudo”: do desejo à coerção**

As interações sexuais exigem a coordenação das preferências e ações individuais dos/as parceiros/as (Impett & Peplau 2003). Os dados mostram, essencialmente, três formas de resolução dos desencontros ao nível da disponibilidade sexual: o/a parceiro/a sexualmente interessado/a aceita o “não” do/a outro/a ou tenta persuadi-lo/a, exercendo pressão psicológica; o/a parceiro/a sexualmente desinteressado/a pode ignorar os sinais de interesse do/a outro/a ou convencê-lo/a a esperar por outra ocasião; o/a parceiro/a desinteressado/a pode reconhecer o interesse do/a outro/a e ceder voluntariamente aos seus avanços.

Júlio (em coabitação há menos de 9 anos, com filhos) ilustra a situação de um companheiro sexualmente interessado que, em certos momentos, recorre à pressão psicológica para tentar persuadir a parceira a aderir a determinada prática sexual. No entanto, essa pressão é apresentada como uma forma de negociação:

Há espaço de negociação. [...] Porque, eu [...] vou ser sincero, eu insisto um bocadinho naquilo de que eu gosto e, às vezes, ela acaba por ceder. Às vezes, é uma maneira de falar com ela e acaba por ceder.

Rute, a companheira de Júlio, acaba por responder positivamente à proposta do parceiro reconhecendo que, “às vezes, eu não quero. Não quero. Mas ele acaba por se meter comigo e eu acabo por ter”. A situação é ilustrativa da persistência de assimetrias entre homens e mulheres no que respeita a “condutas sexuais complacentes” (Impett & Peplau 2003) e, até, de alguma coerção sobre as mulheres. Como sublinha Jeffrey (2024, 477), “a heterossexualidade hegemónica ocidental é centrada frequentemente no homem e modelada de formas que podem apoiar e obscurecer a violência sexual dos homens contra as mulheres”<sup>3</sup>. De facto, a questão central não é a existência ou não de consentimento, mas as fragilidades que o próprio conceito apresenta por não reconhecer – e, até, naturalizar – dinâmicas desi-

<sup>3</sup> No original, “Western hegemonic heterosexuality is often male-centered and patterned in ways that can support and obscure men’s sexual violence against women.”

guais de poder, como mostram outros trabalhos (Gavey 2005; Beres 2014; Lamb, Gable, & de Ruyter 2021; Jeffrey 2024).

As interações sexuais podem ocorrer por várias razões que não a satisfação do desejo sexual ou a procura do prazer sexual. A disponibilidade sexual é, muitas vezes, expressa como requisito de uma relação estável (Burns, Futch, & Tolman 2011; van Hooff 2015). Mariana (em coabitação há menos de 9 anos, com filhos) explica que aderir aos avanços sexuais de Ivo faz parte do seu “trabalho” na relação, mesmo que não tenha vontade de o fazer:

Às vezes, acontece do género: o Ivo chega-se a mim e eu não consigo dizer-lhe que não porque eu não digo que não. [...] Não é por mim, mas por muita coisa que eu já vi. Eu quero que o meu casamento funcione porque eu gosto muito do Ivo e acho que temos tudo para estar bem. Eu já disse que não, mas, muitas vezes, acho que sim porque, quando nós não estamos bem em casa, vamos procurar fora.

Tal como Rute, Mariana dá prioridade aos desejos sexuais do parceiro em detrimento dos seus, procurando promover o desenvolvimento e a qualidade emocional e sexual da relação. Tais tendências são também apontadas por Jamieson (1999), Duncombe e Marsden (1993) e Faustino e Gavey (2022).

Com efeito, comparativamente aos homens, as mulheres aceitam, com frequência, ter relações sexuais mesmo sem lhes apetecer, como um sentido de dever (O’Sullivan & Allgeier 1998; Sanchez, Fetterolf, & Rudman 2012). Vislumbramos, assim, a dominação masculina na intimidade do casal. A mulher cede, ou seja, secundariza a sua posição e vontade. Este comportamento, classificado como complacência sexual ou sexo consensual indesejado, é representativo da persistência da assimetria de poder entre homens e mulheres (Impett & Peplau 2003).

Quatro entrevistadas sublinham, ainda, que a recusa de sexo pode ter consequências, como a infidelidade ou o fim do relacionamento sugeridos por Mariana. O medo de que o parceiro se envolva sexualmente com outra mulher ou perca o interesse por ela, caso não aceda às suas iniciativas sexuais, foi também observado por Impett e Peplau (2003). Associada a essa, encontra-se outra preocupação: a de que a relação sexual seja satisfatória porque, caso contrário, “pode aparecer outra e desempenhar melhor as funções” (Inês, em coabitação há menos de 9 anos, sem filhos).

O receio de que o parceiro “vá procurar fora” também revela como a mononormatividade opera. Em consonância com as descobertas de Faustino e Gavey (2022), mesmo não havendo pressão direta, algumas mulheres sentem que é um “dever pessoal” aderir aos avanços sexuais dos companheiros, adotando uma conduta complacente e de autoimposição para não os desiludir.

Assim, a falta de interesse pode ser alvo de pressões que desembocam num consentimento relutante, longe da ideia de mutualismo defendida por Lamb e colegas (2021). Em contrapartida, nenhum homem mostrou preocupação com a potencial infidelidade das parceiras resultante da recusa de sexo.



A complacência e a aquiescência sexuais parecem também ligar-se ao grau de assertividade sexual: níveis mais elevados de assertividade implicam maior capacidade de comunicar (in)disponibilidade sexual (Darden et al. 2019). Assim, Manuel (em coabitação há menos de 9 anos, sem filhos) refere que a sua companheira nunca teve relações sexuais sem lhe apetecer, porque “ela é muito senhora de si e diz logo que não quer”, o que foi reiterado pela própria.

Segundo Impett e Peplau (2003), a complacência sexual é um exemplo de padrões mais amplos de sacrifício nos relacionamentos. Associa-se mais frequentemente às mulheres do que aos homens, como, de resto, atestam os excertos anteriores. Além disso, a ideia de que as mulheres são sexualmente mais passivas e os homens mais ativos acaba, muitas vezes, por pressioná-las a ceder à iniciativa masculina. A este propósito, sublinhamos que a análise das entrevistas atendeu à diferença entre uma prática sexual complacente e uma prática sexual em que se acede voluntariamente ao desejo de alguém, com vontade, apesar de antes não se ter sentido excitação ou desejo sexual.

As mulheres também manifestam descontentamento com o desencontro entre o seu desejo sexual e o dos parceiros. Todavia, desculpabilizam a “falta de vontade” deles, como Inês (em coabitação há menos de 9 anos, sem filhos), que recorda que,

Ontem, estava zangada com ele porque, às vezes, ele diz que tem vontade, mas não tem. [...] Podia haver mais, é óbvio que sim, mas, se calhar, há outras coisas que, às vezes, o podem estar a incomodar [...] e ele diz que está cansado do trabalho. E também sei que a idade dele também não é aquela idade de quando nós éramos jovens.

Há também algumas mulheres que se responsabilizam pela ausência de iniciativa sexual dos parceiros. É ainda Inês que reconhece que “a vida sexual podia estar mais ativa, só que, se calhar, não está porque tenho alguns problemas. Estou a fazer um tratamento e, às vezes, sangro. Isto, se calhar, também o incomoda...”. Van Hooff (2015) notou que as mulheres insatisfeitas com a frequência da atividade sexual tendem a invocar fatores externos à relação ou a culpabilizar-se. O facto de não haver roteiros para entender a recusa sexual dos homens leva à necessidade de encontrar explicações (Ford 2018; Gunnarsson 2018) que não sejam a falta de vontade sexual deles.

Apesar disso, os homens, por vezes, sofrem retaliações por recusarem sexo. Embora tenham sido apenas sinalizadas por Inês, as situações de “resistência simbólica” são, igualmente, dignas de nota (Shotland & Hunter 1995). Consistem na recusa, por parte de um/a parceiro/a, da iniciativa sexual empreendida pelo/a outro/a, quando, na verdade, o seu desejo era aceder. Questionada sobre se alguma vez teve relações sexuais com o parceiro, Afonso, sem lhe apetecer, Inês responde: “Não, não. Pelo contrário. Às vezes, apetece e digo-lhe que não de propósito, para ele sentir o não que ele, indiretamente, me diz a mim”. Já Afonso, quando questio-

nado sobre a forma como o seu “não” é recebido, explica que “Ela, às vezes, pensa que não tenho desejo por ela. Já lhe disse que não é isso, mas até que ela perceba!... É uma mulher, é complicado, mas eu tento ultrapassar isso [...] tento abstrair-me disso, apesar de ela não ser muito fácil, às vezes...” A interação deste casal mostra que a recusa de sexo por parte do homem pode não ser compreendida pela mulher (Meenagh 2021).

Cabe sublinhar que essa “resistência simbólica” também pode ser adotada pelos homens, mas essencialmente quando se sentem “ameaçados”, exercendo coerção psicológica quer por meio da recusa sexual, quer por expressões de mau humor e ciúme. Rute (em coabitação há menos de 9 anos, com filhos) conta que o companheiro recusou ter relações sexuais com ela como forma de retaliação porque

[e]stava chateado [comigo]. Ele, como é muito ciumento... Todos os rapazes que cumprimento, ele diz-me: ‘já estiveste com ele [referindo-se a ter algum envolvimento sexual]?’. Eu já lhe disse [...] que conto pelos meus dedos as pessoas [com] que[m] eu estive, mas [...] ele fica a desconfiar porque eu cumprimento alguém ou quando alguém me fala. E diz-me: ‘olha, não fales mais para mim!’

Este tipo de ressentimento sugere a necessidade de manter uma posição de domínio, que, quando ameaçada, pode até levar à recusa daquilo que, de outra forma, não se rejeitaria. Ser um *homem de verdade* implica conseguir regular a conduta social e sexual da parceira porque a conduta sexual das mulheres pode colocar em causa a “honra” masculina (Pais 1985; Vale de Almeida 1995).

Também foi possível verificar que a ideia de que “os homens estão sempre disponíveis sexualmente” tem impacto na díade conjugal. Os homens podem ser “vítimas” da própria masculinidade (hooks 2004; Bourdieu 2012). Socializados a não expressar emoções, sensibilidade e fragilidade, muitas vezes, mostram dificuldade em reconhecer que já fizeram sexo quando não desejavam. Quatro entrevistados confidenciaram que isso já tinha acontecido, tendo cedido às iniciativas sexuais das mulheres. Três reconheceram que, “possivelmente” ou “raramente”, tiveram relações sexuais num “momento” que não era “ideal”. Mas têm dificuldade em utilizar a expressão “não apetecer”, como Afonso (em coabitação há menos de 9 anos, sem filhos), que diz que

Não é sem me apetecer. É, se calhar, não estar naquele momento ideal para isso. Não é sem apetecer. Se calhar, quando uma pessoa não está mesmo predisposta, aquilo já é um clique para as coisas não correrem bem. Às vezes, corre e, outras vezes, não.

A relutância em assumir tal cedência pode provir da necessidade de a sua virilidade não ser afetada, considerando a relação entre a honra e o prestígio e as proezas sexuais (Vale de Almeida 1995). Esta representação é reforçada por algumas mulheres, que ficam relutantes quando são elas a ter “sempre a iniciativa”,

pois “não é suposto ser assim”. Estes resultados vão ao encontro do que Hollway (1984) denominou “discurso do impulso sexual masculino”<sup>4</sup>, que integra a masculinidade hegemónica e reforça a feminilidade hegemónica. Neste quadro, as mulheres são as históricas, as emocionais; e os homens são os racionais, os calados, os estoicos, ainda que os silêncios advenham da sua mutilação emocional.

De facto, as interações sexuais e os modos de (não) recusa sexual são reveladores de normas, valores sociais e morais e de relações de poder que colocam desafios aos modos de viver a intimidade conjugal e à igualdade de género. As entrevistas revelam que, em muitos casos, se cede ao domínio e à pressão do/a outro/a. Apesar de o ato sexual ser consentido, adota-se uma posição de submissão. Esta dinâmica – por vezes, subtil – entre imposição, consentimento e desejo pode ser a ponta de um icebergue: mostra como a violência se pode instalar na relação, colocando em causa a “ilha encantada”, como Bourdieu (2012) notava. Afinal, “dentro das quatro paredes, é possível tudo” (António, em coabitação há menos de 9 anos, sem filhos).

### Notas conclusivas

Se não restam dúvidas quanto à importância da sexualidade e, mais especificamente, da relação sexual na constituição e manutenção da relação conjugal, mais questionável é a ideia de que todas as interações sexuais são desejadas, prazerosas e livres de coerção. Cada casal parece ter as suas próprias regras, expectativas e desejos, que não são independentes do contexto em que se inserem. Todavia, cada parceiro/a parece reconhecer e colocar-se “(n)o seu lugar”. E o lugar dos homens e das mulheres não é o mesmo.

Olhar para o “lado de dentro” da vida a dois permitiu reconhecer que as interações sexuais do casal são território perpassado por relações de poder, não são neutras em termos de género e reforçam o género normativo, apesar dos avanços legislativos e das iniciativas de combate às desigualdades de género.

Não obstante uma visão maioritariamente hedonista da sexualidade e uma maior igualdade, os discursos dos/as entrevistados/as revelam a permanência de visões normativas da sexualidade e de uma dupla moral: espera-se que as mulheres sejam sensíveis, cuidadoras e sexualmente mais passivas e que os homens sejam viris, fortes e sempre disponíveis sexualmente. Por isso, algumas mulheres reconheceram dar prioridade aos desejos sexuais do parceiro em detrimento dos seus, cedendo à iniciativa sexual masculina como forma de corresponder ao que é socialmente esperado delas. Todavia, os roteiros sexuais também exercem pressão sobre os homens, exigindo-lhes que estejam sempre sexualmente disponíveis. É no contexto de relacionamentos conjugais estáveis – onde existe o pressuposto de

---

<sup>4</sup> No original, “male sex drive discourse.”

um consentimento sexual contínuo – que melhor se entrevê a complexidade entre querer, desejar, consentir ou recusar.

Ao mobilizar guiões normativos, por um lado, os homens podem “coagir” as suas parceiras a praticar sexo indesejado; por outro, as mulheres têm mais dificuldade em recusar o avanço sexual dos parceiros. As representações dominantes do género sustentam, assim, dinâmicas *genderizadas* de poder na interação sexual. Ter relações sexuais não significa, portanto, que elas sejam sempre desejadas, prazerosas e/ ou livres de constrangimentos ou práticas coercivas.

Considerando as características sociodemográficas do objeto empírico do estudo – designadamente, o facto de este se ter limitado geograficamente ao Norte Litoral e de os/as entrevistados/as se concentrarem nos graus mais elevados de ensino (Secundário e Superior) e em faixas etárias específicas –, os resultados apresentados devem ser lidos com cautela. Pretende-se, assim, sobretudo, abrir espaço para reflexão e investigação futuras sobre as formas plurais e paradoxais de construção da intimidade sexual do casal heterossexual. Será tempo de refletir sobre o modo como, por vezes, o sexo fala, mas nem sempre diz a sua verdade. É o questionamento do lugar da norma que permite desconstruir e desnaturalizar as relações de género e de poder nas sociedades contemporâneas. Porque se sexo, por si só, bastasse, ninguém precisava de olhar para dentro e perceber que aquilo que é desejado é, por vezes, diferente daquilo que é consentido: pode haver um contínuo entre coerção e consentimento.

### **Contributos das autoras**

**IF:** Concetualização; análise formal; investigação; metodologia; redação do rascunho original; redação – revisão e edição.

**AMB:** Análise formal; metodologia; redação – revisão e edição.

### **Agradecimentos**

Este artigo mobiliza dados da dissertação de Doutoramento em Sociologia da primeira autora, intitulada “(Inter)ditos: as dinâmicas afetivas e sexuais do casal heterossexual”, financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (ref.<sup>a</sup> SFRH/BD/138347/2018), orientada pela segunda autora.

### **Conflito de interesses**

As autoras declaram inexistência de conflito de interesses.

### **Referências**

- Aboim, Sofia. 2011. “Vidas conjugais: do institucionalismo ao elogio da relação.” Em *História da vida privada em Portugal: os nossos dias*, editado por Ana Nunes de Almeida, 80-111. Círculo de Leitores.
- Alferes, Valentim Rodrigues. 1997. *Encenações e comportamentos sexuais: para uma psicologia social da sexualidade*. Edições Afrontamento.

- Bardin, Laurence. 1995. *Análise de conteúdo*. Trad. de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Edições 70.
- Barreno, Maria Isabel, Maria Teresa Horta, & Maria Velho da Costa. 1972. *Novas cartas portuguesas*. 1.<sup>a</sup> ed. Estúdios Cor.
- Beres, Melanie Ann. 2014. "Rethinking the Concept of Consent for Anti-Sexual Violence Activism and Education." *Feminism & Psychology* 24(3): 373-389. <https://doi.org/10.1177/0959353514539652>
- Beres, Melanie. 2018. "The Proliferation of Consent-Focused Rape Prevention Social Marketing Materials." Em *Orienting Feminism: Media, Activism and Cultural Representation*, editado por Catherine Dale & Rosemary Overell, 181-196. Palgrave Macmillan. <https://doi.org/https://doi.org/10.1007/978-3-319-70660-3>
- Bourdieu, Pierre. 2012. *A dominação masculina*. Trad. de Júlia Ferreira. Relógio d'Água Editores.
- Bozon, Michel. 2004. *Sociologia da sexualidade*. Trad. de Maria de Lourdes Menezes. Editora FGV.
- Burns, April, Valerie A. Futch, & Deborah L. Tolman. 2011. "'It's Like Doing Homework'." *Sexuality Research and Social Policy* 8(3): 239-251. <https://doi.org/10.1007/s13178-011-0062-1>
- Cahill, Ann J. 2014. "Recognition, Desire, and Unjust Sex." *Hypatia* 29(2): 303-319. <https://doi.org/10.1111/hypa.12080>
- Código Civil. 1978. CC. *Deveres conjugais*. <https://diariodarepublica.pt/dr/lexionario/termo/deveres-conjugais>
- Cerejo, Dalila, Miguel Jesus, & Lorena Tarriño-Concejero. 2025. "'If It's Not a Slap or a Punch Then It's Not Violence': Portuguese University Student's Representations and Practices About Intimacies and Dating Violence." *Social Sciences* 14(2). <https://doi.org/10.3390/socsci14020086>
- CIG. 2025. Indicadores Estatísticos. <https://www.cig.gov.pt/area-portal-da-violencia/portal-violencia-domestica/indicadores-estatisticos/2025>
- Conselho da Europa. 2011. "Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência Contra as Mulheres e a Violência Doméstica." Istambul. <https://rm.coe.int/168046253d>
- Crawford, June, & Catherine Waldby. 1994. "Women's Sex Talk and Men's Sex Talk: Different Worlds." *Feminism and Psychology* 4(4): 571-587. <https://doi.org/10.1177/0959353594044010>
- Crawford, Mary, & Danielle Popp. 2010. "Sexual Double Standards: A Review and Methodological Critique of Two Decades of Research." *Journal of Sex Research* 40(1): 13-26. <https://doi.org/10.1080/00224490309552163>
- Darden, Marie C, Anandi C Ehman, Elicia C Lair, & Alan M Gross. 2019. "Sexual Compliance: Examining the Relationships Among Sexual Want, Sexual Consent, and Sexual Assertiveness." *Sexuality & Culture* 23: 220-235. <https://doi.org/10.1007/s12119-018-9551-1>
- Duncombe, Jean, & Dennis Marsden. 1993. "Love and Intimacy: The Gender Division of Emotion and 'Emotion Work': A Neglected Aspect of Sociological Discussion of Heterosexual Relationships." *Sociology* 27(2): 221-241. <https://doi.org/10.1177/0038038593027002003>
- Farvid, Panteá, & Virginia Braun. 2006. "'Most of Us Guys Are Raring To Go Anytime, Anyplace, Anywhere': Male and Female Sexuality in *Cleo* and *Cosmo*." *Sex Roles* 55(5-6): 295-310. <https://doi.org/10.1007/s11199-006-9084-1>
- Faustino, Maria João. 2024. "Consentimento e masculinidade(s): A relação umbilical entre

- consentimento e gênero." Em *Reflexões sobre violência sexual contra homens e rapazes*, editado por Ângelo Fernandes, 18-20. Quebrar o Silêncio.
- Faustino, Maria João, & Nicola Gavey. 2022. "'You Feel Like Normal Sex is not Enough Anymore': Women's Experiences of Coercive and Unwanted Anal Sex with Men." *Violence Against Women* 28(11): 2624-2648. <https://doi.org/10.1177/10778012211045716>
- Faustino, Maria João, & Nicola Gavey. 2024. "The Failed Promise of Consent in Women's Experiences of Coercive and Unwanted Anal Sex with Men." *Feminism & Psychology* 34(3): 424-442. <https://doi.org/10.1177/09593535241234429>
- Finkelhor, David, & Kersti Yllo. 1985. *License to Rape: Sexual Abuse of Wives*. Holt, Rinehart & Winston.
- Fischel, Joseph J. 2019. *Screw Consent: A Better Politics of Sexual Justice*. University of California Press.
- Ford, Jessie V. 2018. "'Going with the Flow': How College Men's Experiences of Unwanted Sex Are Produced by Gendered Interactional Pressures." *Social Forces* 96(3): 1303-1324. <https://doi.org/10.1093/sf/sox066>
- Gavey, Nicola. 2005. *Just Sex? The Cultural Scaffolding of Rape*. Routledge.
- Gavey, Nicola, & Kathryn McPhillips. 1999. "Subject to Romance: Heterosexual Passivity as an Obstacle to Women Initiating Condom Use." *Psychology of Women Quarterly* 23(2): 349-367. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1999.tb00366.x>
- Giddens, Anthony. 1992. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Trad. de Magda Lopes. Editora UNESP.
- Gunnarsson, Lena. 2018. "'Excuse Me, But Are You Raping Me Now?' Discourse and Experience in (the Grey Areas of) Sexual Violence." *NORA – Nordic Journal of Feminist and Gender Research* 26(1): 4-18. <https://doi.org/10.1080/08038740.2017.1395359>
- Hollway, Wendy. 1984. "Women's Power in Heterosexual Sex." *Women's Studies International Forum* 7(1): 63-68. [https://doi.org/10.1016/0277-5395\(84\)90085-2](https://doi.org/10.1016/0277-5395(84)90085-2)
- Hooft, Jenny van. 2015. "Desires, Expectations and the Sexual Practices of Married and Cohabiting Heterosexual Women." *Sociological Research Online* 20(4): 123-132. <https://doi.org/10.5153/sro.3767>
- hooks, bell. 2004. *The Will To Change: Men, Masculinity, and Love*. Simon & Schuster.
- Impett, Emily A., & Letitia A. Peplau. 2003. "Sexual Compliance: Gender, Motivational, and Relationship Perspectives." *Journal of Sex Research* 40(1): 87-100. <https://doi.org/10.1080/00224490309552169>
- Impett, Emily A., & Letitia Anne Peplau. 2006. "'His' and 'Her' Relationships? A Review of the Empirical Evidence." Em *The Cambridge Handbook of Personal Relationships*, editado por Anita L. Vangelisti & Daniel Perlman, 273-291. Cambridge University Press.
- Jackson, Stevi, & Sue Scott. 1997. "Gut Reactions to Matters of the Heart: Reflections on Rationality, Irrationality and Sexuality." *The Sociological Review* 45(4): 551-575. <https://doi.org/10.1111/1467-954X.00077>
- Jamieson, Lynn. 1999. "Intimacy Transformed? A Critical Look at the 'Pure Relationship'." *Sociology* 33(3): 477-494. <https://doi.org/10.1177/S0038038599000310>
- Jeffrey, Nicole K. 2024. "Is Consent Enough? What the Research on Normative Heterosexuality and Sexual Violence Tells Us." *Sexualities* 27(3): 475-494. <https://doi.org/10.1177/13634607221096760>
- Kelly, Liz. 1988. *Surviving Sexual Violence*. Polity Press.
- Klein, Verena, Roland Imhoff, Klaus Michael Reininger, & Peer Briken. 2019. "Perceptions of Sexual Script Deviation in Women and Men." *Archives of Sexual Behavior* 48(2): 631-644. <https://doi.org/10.1007/s10508-018-1280-x>
- Lamb, Sharon, Sam Gable, & Doret de Ruyter. 2021. "Mutuality in Sexual Relationships: A

- Standard of Ethical Sex?" *Ethical Theory and Moral Practice* 24(1): 271-284. <https://doi.org/10.1007/s10677-020-10150-8>
- Loick, Daniel. 2020. "'... As if It Were a Thing.' A Feminist Critique of Consent." *Constellations* 27(3): 412-422. <https://doi.org/10.1111/1467-8675.12421>
- Meenagh, Joni L. 2021. "'She Doesn't Think That Happens': When Heterosexual Men Say No to Sex." *Sexualities* 24(3): 322-340. <https://doi.org/10.1177/1363460720936460>
- Muehlenhard, Charlene L., Terry P. Humphreys, Kristen N. Jozkowski, & Zoe D. Peterson. 2016. "The Complexities of Sexual Consent among College Students: A Conceptual and Empirical Review." *The Journal of Sex Research* 53(4-5): 457-487. <https://doi.org/10.1080/00224499.2016.1146651>
- Neves, Sofia, & Ariana Correia. 2024. "Dating Violence in Portugal: How Can It Be Handled in Secondary Schools and Universities?" *Frontiers in Global Women's Health* 5: 1456595. <https://doi.org/10.3389/fgwh.2024.1456595>
- Olmo, Ana Vicente. 2018. "'Detalles', frustraciones y desconciertos: El trabajo emocional en las parejas jóvenes heterosexuales." *Revista Española de Sociología* 27(1): 67-81. <https://doi.org/10.22325/fes/res.2018.4>
- O'Sullivan, Lucia F., & Elizabeth Rice Allgeier. 1998. "Feigning Sexual Desire: Consenting to Unwanted Sexual Activity in Heterosexual Dating Relationships." *The Journal of Sex Research* 35(3): 234-243. <https://doi.org/10.1080/00224499809551938>
- Pais, José Machado. 1985. "Família, sexualidade e religião." *Análise Social* XXI (86): 345-389. <https://www.jstor.org/stable/41010506>
- Pais, José Machado. 1998. "Vida amorosa e sexual." Em *Gerações e valores na sociedade portuguesa*, organizado por José M. Pais, 407-465. Instituto de Ciências Sociais/Secretaria de Estado da Juventude.
- Pais, José Machado. 2016. *Enredos sexuais, tradição e mudança: as mães, os zecas e as sedutoras de além-mar*. Imprensa de Ciências Sociais.
- Potts, Annie. 2000. "Coming, Coming, Gone: A Feminist Deconstruction of Heterosexual Orgasm." *Sexualities* 3(1): 55-76. <https://doi.org/10.1177/136346000003001003>
- Russell, Diana E.H. 1982. *Rape in Marriage*. Macmillan Press.
- Sanchez, Diana, Janell Fetterolf, & Laurie Rudman. 2012. "Eroticizing Inequality in the United States: The Consequences and Determinants of Traditional Gender Role Adherence in Intimate Relationships." *Journal of Sex Research* 49(2-3): 168-183. <https://doi.org/10.1080/00224499.2011.653699>
- Shotland, R. Lance, & Lynne Goodstein. 1992. "Sexual Precedence Reduces the Perceived Legitimacy of Sexual Refusal: An Examination of Attributions Concerning Date Rape and Consensual Sex." *Personality and Social Psychology Bulletin* 18(6): 756-764. <https://doi.org/10.1177/0146167292186012>
- Shotland, R. Lance, & Barbara A. Hunter. 1995. "Women's 'Token Resistant' and Compliant Sexual Behaviors are Related to Uncertain Sexual Intentions and Rape." *Personality and Social Psychology Bulletin* 21(3): 226-236. <https://doi.org/10.1177/0146167295213004>
- Siegel, Karolynn, & Étienne Meunier. 2019. "Traditional Sex and Gender Stereotypes in the Relationships of Non-Disclosing Behaviorally Bisexual Men." *Archives of Sexual Behavior* 48(1): 333-345. <https://doi.org/10.1007/s10508-018-1226-3>
- Sottomayor, Maria Clara. 2015. "A Convenção de Istambul e o novo paradigma da violência de género." *ex æquo* 31: 105-121. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2015.31.08>
- Vale de Almeida, Miguel. 1995. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Fim de Século Edições.

**Iolanda Fontaínhas.** Socióloga. Professora Auxiliar Convidada do Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Os seus interesses de investigação têm-se centrado na análise das práticas, desejos e relacionamentos heterossexuais, especialmente no que diz respeito à interseção entre sexualidade, género e relações de poder.

**Ana Maria Brandão.** Socióloga. Professora Associada do Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho e Investigadora Integrada do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – Polo da Universidade do Minho (CICS.NOVA.UMinho). As suas áreas principais de interesse são os fenómenos identitários, a sexualidade e a sua interseção com o género, assim como as metodologias qualitativas de investigação social.

*Artigo recebido em 6 de junho de 2025 e aceite para publicação em 28 de setembro de 2025.*

Como citar este artigo:

[Segundo a norma Chicago]:

Fontaínhas, Iolanda, & Ana Maria Brandão. 2025. "As relações de intimidade entre casais heterossexuais: do desejar ao consentir." *ex æquo* 52: 64-79. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2025.52.06>

[Segundo a norma APA adaptada]:

Fontaínhas, Iolanda, & Brandão, Ana Maria (2025). As relações de intimidade entre casais heterossexuais: do desejar ao consentir. *ex æquo*, 52, 64-79. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2025.52.06>



Este é um artigo de Acesso Livre distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>), que permite a reprodução e distribuição não comercial da obra, em qualquer suporte, desde que a obra original não seja alterada ou transformada de qualquer forma, e que a obra seja devidamente citada. Para reutilização comercial, por favor contactar: [apem1991@gmail.com](mailto:apem1991@gmail.com)